

Dissecação da personalidade psíquica

Conferência XXXI

© Roberto Girola

www.robertogirola.com.br

Bibliografia

- FREUD , S. (1933). *A dissecação da personalidade psíquica (Conferência XXXI)*. In: _____. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 1996 , pp. 63-84.
- FREUD , S. (1923). *O Ego e o Id*. In: _____. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 81-96 (Seções I, II, III,V).
- GIROLA , R. (1917). “”%. In: _____. *A psicanálise cura?: Uma introdução à teoria psicanalítica*. Aparecida: Ideia & Letras, 2004, pp 42-44.
- LAPLANCHE, J., PONTALIS, J-B. “Tópica”. In: _____. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins e Fontes, 2001, pp.505-509.
- ROUDINESCO. E., PLON, M. “Inconsciente”. In: _____. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, pp. 374-378.
- VV.AA. *A pulsão de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.

Introdução

- No Prefácio, comparando a pesquisa científica de outras áreas com a psicologia, Freud identifica um problema, pois “O que as pessoas parecem exigir da psicologia não é o progresso no conhecimento, mas satisfações de algum outro tipo; todo problema não resolvido, toda incerteza reconhecida é transformada em vitupério contra ela. Todo aquele que zela pela ciência da vida mental deve aceitar também essas injustiças que a acompanham.” (p 16) -> Identificação com o objeto de estudo
- Embora afirmando que “ninguém tem o direito de participar numa discussão sobre psicanálise, se não teve experiência a própria, que só pode ser obtida ao ser analisado”, F tenta nessa Conferência (que nunca foi proferida) explicar alguns **pontos fundamentais da** teoria psicanalítica sobre o funcionamento mental e a personalidade psíquica
- Os conceitos abordados são: O funcionamento mental: superego, inconsciente, pré-consciente, consciência, e a organização tópica do psiquismo: Superego, Ego e Id.

Pressupostos

1. Constatação 1 da Psicanálise: “os seres humanos adoecem de um **conflito** entre as exigências da vida instintual e a resistência que se ergue dentro deles contra esta; (...) [trata-se de uma instância que resiste, rechaça, reprime]” (p 63) -> conflito psíquico
2. Constatação II “O ego pode tomar-se a si próprio como objeto” (p 64)
3. “Os doentes mentais [psicóticos] são estruturas divididas e partidas (...). Eles, esses pacientes, afastaram-se da realidade externa, mas por essa mesma razão conhecem mais da realidade interna, psíquica, e podem revelar-nos muitas coisas que de outro modo nos seriam inacessíveis.” (p 64-65) -> permitem acessar funcionamentos básicos do psiquismo
4. O paranoico nos permite acessar o funcionamento do Superego.

Função superegóica

- A paranoia é uma acentuação patológica da “separação da instância observadora, do restante do ego” que F assume ser “um aspecto regular da estrutura do ego” (p 65), uma instância que F denomina **Superego**
- Para entender seu funcionamento F mais uma vez recorre à patologia do *surto melancólico*, no qual se revela toda a força de um Superego severo e cruel, homiliando o Ego
- A **culpa** é a resultante dessa tensão entre ego e superego
- Para aliviar a tensão interna, em determinadas formas da doença (bipolaridade) há uma alternância: o ego passe a viver “um estado beatífico de exaltação, (...) como se o superego tivesse perdido toda a sua força ou estivesse fundido no ego; [que] liberado, maníaco, permite-se uma satisfação verdadeiramente desinibida de todos os seus apetites” (p 67)

Formação do Superego

- A instância superegoica embora exista dentro de nós, não é inata: originalmente, a criança é amoral
- “O papel que mais tarde é assumido pelo superego é desempenhado, no início (...) pela autoridade dos pais. A influência dos pais governa a criança, concedendo-lhe provas de amor e ameaçando com castigos, os quais, para a criança, são sinais de perda do (...). Essa ansiedade realística é o precursor da ansiedade moral subsequente.” (p 67). “Quando a coerção moral é internalizada o superego assume o lugar da instância parental” (p 68) -> Na realidade a criança se identifica com o superego parental (cf. p 72)
- No entanto o superego pode adquirir característica de rigidez e severidade não associadas á educação parental, e sim a formações do instinto subseqüentes.
- A seguir F descreve a “metamorfose do relacionamento parental em superego” (p 68)

Identificação e superego

- O vínculo parental afetivo, resulta no processo de **identificação** = modificação do ego (<>escolha objetal = apropriação) <> de incorporação [-> F observa a possibilidade de identificação coincidindo com a escolha objetal (com o objeto erotizado) e com o objeto perdido. (melancolia) 9cf p 69)]: “a instalação do superego pode ser classificada como exemplo bem-sucedido de identificação com a instância parental.” (p 69)
- Trata-se da “criação de uma instância superior dentro do ego (...) intimamente ligada ao destino do complexo de Édipo,” (p 69). -> O superego é o **herdeiro** dessa vinculação afetiva tão importante para a infância.
- A dissolução do Complexo de Édipo leva a criança a ”renunciar às intensas catexias objetais que depositou em seus pais, e é como compensação por essa perda de objetos que existe uma *intensificação* tão grande *das identificações* com seus pais.” (p 69)
- F observa que “o superego é tolhido em sua força e crescimento se a superação do complexo de Édipo tem êxito apenas parcial.” (p 69)

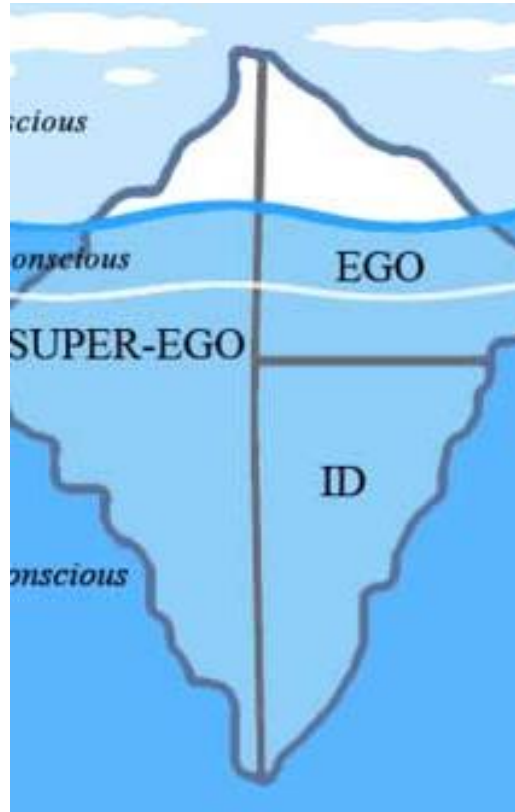
Superego e Ideal do Ego

- “No decurso do desenvolvimento, o superego também assimila as influências que tomaram o lugar dos pais — educadores, professores, pessoas escolhidas como modelos ideais.” (p 70). Ao se distanciar das figuras parentais torna-se mais impessoal
- Para F, as Identificações sucessivas com os pais, ao atingirem o Ego e não mais o Superego, contribuem para a formação do caráter. F estaria aqui falando do **Ego** em termos do que posteriormente alguns autores identificam como **Self**?
- As formações superegoicas influenciam a formação do **Ideal do Ego**. Não é clara a noção que F atribui ao Ideal do Eu e que lugar teria nessa dinâmica o **Eu ideal**, que parece ser uma instância que visa manter a **satisfação narcísica** comparando o Eu real com o Ideal do Eu.
- Interessantes as observações de F sobre o papel que o Superego exerce na formação do grupo . (cf. p 73)

Dinâmica do reprimido: o inconsciente

- “Devemos (...) atribuir ao reprimido uma tendência ascendente, um impulso de irromper na consciência. A resistência só pode ser manifestação do ego”, que atua a partir da instância superegoica, presente nele: “a repressão é o trabalho desse superego, e (...) é efetuada ou por este mesmo, ou pelo ego, em obediência a ordens dele. “ (p 74)
- Partes do Ego e do Superego são inconscientes (o reprimido) e atuam *em confronto* com o Ego e o consciente
- “Denominamos **inconsciente** um processo psíquico cuja existência somos obrigados a supor — devido a algum motivo tal que o inferimos a partir de seus efeitos —, mas do qual nada sabemos” (p 75)
- F chega assim a descrever o **funcionamento mental** como uma dinâmica ascendente que envolve o *inconsciente* (Ics), o *pré-consciente* (PCs) e a *consciência* (Cs) | (p 74)

II Tópica



- A partir do conflito que existe entre Ego e Inconsciente (o sujeito dividido/barrado lacaniano), F postula a existência de três “regiões mentais”: “O Superego, o Ego e o id — estes são, pois, os três reinos, regiões, províncias em que dividimos o aparelho mental de um indivíduo” (p 77)

-> OBS: as três partes do funcionamento mental (Ics, PCs, Cs) não se identificam com as três tópicas

O Id (I)

- “É a parte obscura, a parte inacessível de nossa personalidade; o pouco que sabemos a seu respeito, aprendemo-lo de nosso estudo da elaboração onírica e da formação dos sintomas neuróticos”(p 78)-> Caos, agitação fervilhante
- O Id é aberto a “a influências somáticas” e contém “dentro de si necessidades instintuais que nele encontram expressão psíquica”
- O Id é voltado para a satisfação das necessidades instintuais “em observância ao princípio do prazer” (ou ao Instinto de morte que F não menciona)
- “No id, não existe nada que corresponda à ideia de tempo; não há reconhecimento da passagem do tempo” (p 78)

O Id (II)

- Processos mentais reprimidos “só podem (...) ser destituídos de sua catexia de energia, quando tornados conscientes pelo trabalho da análise, e é nisto que, em grande parte, se baseia o efeito terapêutico do tratamento analítico.” (p 79)
- O “id não conhece nenhum julgamento de valores: não conhece o bem, nem o mal, nem moralidade. “ (p 79) -> pura energia gerada pelas catexias instintuais em estado móvel de descarga -> condensação e deslocamento
- Vale a pena observar que dois processos de adoecimento psíquico, atualmente bastante presentes na clínica, “paralisam” o fluxo da energia psíquica aqui descrita, num processo de “desligamento” do mundo dos objetos: a melancolia e a depressão. Green atribui ao Instinto de Morte esse desligamento (cf. o artigo de Green em *A pulsão de morte*), reafirmando portanto que é ainda um processo instintual que domina o Id nesses casos

O Ego (I)

- É a parte mais "superficial" do aparelho mental, voltada para o mundo externo, diferenciada do Id e do Superego
- F o define o Ego como "órgão sensorial" do aparelho psíquico, mediador entre o mundo interno e externo (Eu pele) : "é receptivo não só às excitações provenientes de fora, mas também àquelas que emergem do interior da mente." (p 80)
- Representa o mundo externo perante o Id -> teste de realidade, "destrona" o *princípio do prazer* e o substitui pelo **princípio de realidade**, através do *pensamento* (em Winnicott o princípio de realidade não é dado, mas construído a partir da "sobrevivência" do "objeto não Eu" -> a partir do exercício da agressividade)
- O Ego também introduz a **noção de tempo** a partir do seu "sistema perceptual"

O Ego (II)

- Em oposição à fragmentação e desintegração do Id, o Ego introduz a possibilidade de síntese das partes dissociadas-> controle dos instintos pela razão
- O Ego é uma parte do Id, modificada e enfraquecida em seu aspecto dinâmico pelo contato com o mundo externo
- A energia psíquica pertence ao Id (cf. o ex. do cavaleiro com o seu cavalo), mas o Ego procura se “energizar mediante os processos de identificação: “identificando-se com o objeto, o ego recomenda-se ao id em lugar do objeto e procura desviar a libido do id para si próprio.” (p 81)
- O Ego “serve a três senhores”: Id, Mundo Externo, Superego -> conflito -> perigo -> ansiedade:
“Em suas tentativas de exercer mediação entre o id e a realidade, frequentemente é obrigado a encobrir as ordens *Inc.* do id mediante suas próprias racionalizações *Pcs.*, a ocultar os conflitos do id com a realidade, a reconhecer, com diplomática dissimulação, que percebe a realidade mesmo quando o id permaneceu rígido e intolerante.” (p 82)

O Superego

- O Ego “é observado a cada passo pelo Superego severo, que estabelece padrões definidos para sua conduta” (p 82)
- “Se essas exigências não são [forem] obedecidas, pune-o com intensos sentimentos de inferioridade e de culpa. “ (ibid.)
- Se o Ego sucumbe na sua tarefa mediadora, surgem 3 tipos de ansiedade: realista (->mundo externo), moral (->Superego), neurótica (->Id)
- O “superego se funde no id; na verdade, como herdeiro do complexo de Édipo, tem íntimas relações com o id; está mais distante do sistema perceptual do que o ego.” (p 83)

Conclusão

- F alerta que os confins entre as três regiões não podem ser imaginados como nítidos, são intangíveis, como os próprios processos psíquicos
- As práticas místicas mostram que as relações normais entre as três regiões da mente podem ser perturbadas: a “percepção pode ser capaz de captar acontecimentos, nas profundezas do ego e no id, os quais de outro modo lhe seriam inacessíveis.” (p 84)
- O propósito da análise “é, na verdade,,fortalecer o ego, fazê-lo mais independente do superego, ampliar seu campo de percepção e expandir sua organização, de maneira a poder assenhorear-se de novas partes do id. Onde estava o id, ali estará o ego.” (p 84)